

Depoimento

Maria Ligia Coelho Prado*

A ANPHLAC está completando vinte anos! Com grande satisfação, constatamos que, passadas duas décadas, a Associação continua ativa e bem estruturada. E este Dossiê - proposto pelo Conselho Editorial da *Revista Eletrônica* a partir de sugestão inicial de Cleverson Rodrigues da Silva, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande/MS – deverá se constituir em contribuição significativa para o registro da história da nossa Associação, conectando-se com os textos publicados em 2001, no primeiro número da *Revista Eletrônica da ANPHLAC*.

Neste breve depoimento, como membro fundador da Associação, gostaria de contrastar o lugar relevante que o campo da História da América ocupa no presente no mundo acadêmico brasileiro com a situação precária da área há 30 anos e de refletir sobre o importante papel da Associação nessas transformações.

No mencionado primeiro número, a Professora Philomena Gebran narra com precisão a história do nascimento da Associação. Ela escreve sobre o pequeno grupo de professores que considerou fundamental criar uma associação, tendo em vista as dificuldades enfrentadas pelos docentes da área naquele período.

A tentativa pioneira de agregação aconteceu em João Pessoa como um desdobramento do primeiro Congresso brasileiro que, em 1984, reuniu exclusivamente professores de História da América Latina. Esse Congresso, que teve financiamento do CNPq, foi idealizado e organizado pela professora de História da América da Universidade Federal da Paraíba, Ivanice Frazão de Lima e Costa. Para mim, esse Encontro foi uma oportunidade extraordinária, pois me possibilitou, pela primeira vez, conhecer professores de América de outros Estados do país e descobrir que os problemas por mim percebidos no cotidiano da disciplina eram compartilhados por meus colegas das demais universidades brasileiras. E houve ali o movimento inicial na direção da criação de uma associação de professores de História da América Latina.

* Professora aposentada do Departamento de História – FFLCH/USP. E-mail: lcprado@usp.br

Entretanto, passaram-se 9 anos até que a ANPHLAC tomasse corpo e forma, em 1993, em um Encontro na Universidade Federal de Ouro Preto, campus de Mariana.

A necessidade sentida por esses professores de construir uma associação nacional estava diretamente relacionada à posição da disciplina História da América no âmbito dos cursos de História daquela época. Precisávamos de uma associação que oferecesse um espaço para o debate específico de temas e questões próprios da área. Desse modo, o grupo fundador da ANPHLAC nunca pensou em “concorrer” com a ANPUH. Ao contrário, sempre nos sentimos fortemente ligados a esta, que entendeu nossa proposta e nos acolheu em seus Encontros.

Mas que problemas eram esses? Respondo, partindo de minha experiência pessoal que, como constatei em João Pessoa, era muito semelhante à de meus colegas de área. Comecei a dar aulas de História da América Latina Contemporânea no Departamento de História da Universidade de São Paulo, em 1975, em plena vigência da ditadura militar. Note-se que, em meu curso de graduação (1968-1971), os séculos XIX e o XX jamais haviam sido contemplados nos programas da disciplina, cujos "limites" cronológicos máximos estavam dados pelo período das independências políticas.

História da América era uma disciplina vista comumente como área menor ou secundária dentro da grade curricular do curso. Já se sabe que, nos Departamentos de História, a eleição de trabalhar com um espaço que não seja o nacional implica várias conseqüências. A escolha mais comum entre os historiadores é a pesquisa sobre a História do Brasil. A preferência pela História nacional não é uma característica exclusivamente brasileira. A partir do século XIX, nas sociedades ocidentais, com a consolidação dos Estados Nacionais modernos e a constituição da História como campo de saber autônomo e como disciplina escolar, o espaço das Histórias nacionais passou a ser hegemônico, tanto nas universidades quanto na imprensa e no mundo editorial. Desse modo, a História do Brasil tem uma centralidade que se traduz em poder político institucional incontestável.

Mas naqueles anos, esse lugar secundário estava envolvido por outras circunstâncias negativas. Num tempo em que não havia internet e compras *online*, como montar um bom curso se as bibliotecas tinham um acervo mínimo e antiquado de livros sobre História da América? Pouquíssimas eram as publicações em português e a

importação de livros exigia coragem para vencer a burocracia e paciência para esperar a encomenda.

Por outro lado, a importância do estudo e da pesquisa sobre História da América Latina custava a ser reconhecida no Brasil. Era raridade encontrar um professor de História da América que também fosse pesquisador de temas latino-americanos. As pesquisas na área não recebiam incentivos adequados e a devida valorização. As viagens ao exterior em busca de fontes documentais não encontravam uma linha permanente de financiamento das agências fomentadoras. As dificuldades inerentes à escolha de um campo de pesquisa que ultrapassava as fronteiras nacionais ganhavam uma dimensão inquietante: fontes inacessíveis no Brasil, necessidade de conhecimento da bibliografia do país escolhido, extrema dedicação para adquirir familiaridade com temas e debates já estabelecidos pela “outra” historiografia. Nesse sentido, para se enveredar pelo caminho da pesquisa em História da América Latina eram necessários muito entusiasmo e grande determinação.

Não se pode deixar de mencionar mais um problema de ordem político-ideológica. Durante os anos da ditadura, ensinar História da América Latina contemporânea significava carregar um ônus extra. Os temas do século XX, em especial as revoluções que haviam sacudido o continente, eram considerados, aos olhos do regime político brasileiro, extremamente perigosos e a simples menção da palavra Cuba despertava suspeitas.

Creio que todos esses fatores explicam porque esse grupo de professores de História da América da minha geração se empenhou tanto para concretizar a fundação de uma associação que nos permitiria ter um *locus* de aproximação para a troca de experiências e para o debate de temas concernentes à área.

Essas dificuldades igualmente elucidam a avaliação feita pela CAPES, na metade da década de 1980, que está transcrita no já indicado texto de Philomena Gebran: “A área de História da América nas Universidades brasileiras está tão defasada que, se não forem tomadas providências urgentes, em muito pouco tempo não haverá mais professores de História da América nas Universidades brasileiras”.

A profecia, felizmente, não se cumpriu. Ao contrário. O crescimento do número de historiadores brasileiros especialistas em temas da história da América Latina, nos

últimos 20 anos, é indiscutível. Não tenho dúvidas de que a ANPHLAC desempenhou papel central que contribuiu para a mudança ocorrida na área.

Um fenômeno paralelo acompanhou a consolidação da ANPHLAC. O sistema nacional de pós-graduação promoveu o financiamento de pesquisas – bolsas nacionais e bolsas-sanduíche no exterior – que abriu possibilidades para a realização de mestrados e doutorados sobre História da América Latina. Comecei, em 1984, a orientar alunos que se debruçaram exclusivamente sobre temas de História da América Latina. Outros professores seguiram essa mesma direção. Assim, o número de mestrados e doutorados em História da América Latina visivelmente cresceu.

A ANPHLAC deu o suporte necessário para a divulgação e o debate das pesquisas que começavam a aumentar em número e qualidade. Ao mesmo tempo, estimulou aqueles que haviam escolhido tal rota de estudos e incentivou jovens alunos a descobrir esse novo e fascinante campo de pesquisa. Por outro lado, a ANPHLAC deu uma visibilidade à área em termos regionais e nacionais que ela não teria alcançado se a Associação não existisse.

Não é simples manter coesa, por 20 anos, uma Associação pequena como a nossa. O êxito da ANPHLAC se deve, em minha opinião, a diversos fatores. Em primeiro lugar, os professores que trabalham com História da América perceberam (e percebem) que é fundamental ter um espaço específico para o debate a respeito das pesquisas realizadas na área. A Associação sempre contou com um grupo de professores verdadeiramente empenhados no desempenho das atividades administrativas e na organização de eventos acadêmicos que garantem a sobrevivência da ANPHLAC. Criou-se um sentimento de pertencimento que faz com que a Associação seja reconhecida como indispensável.

Nossas atividades acadêmicas têm se desenvolvido de forma a estimular a participação dos estudiosos da área. Os Encontros Internacionais da ANPHLAC, que acontecem a cada dois anos, se consolidaram como lugar de encontro para o conhecimento e discussão dos trabalhos sobre temas de História da América. A lista de discussão que circula na internet congrega os interessados e lhes garante pleno acesso a informações, estimulando a troca de experiências. E a *Revista Eletrônica* tem desempenhado papel relevante, pois fortalece a Associação e projeta uma imagem acadêmica positiva da área.

Quando fundamos a ANPHLAC, naturalmente não sabíamos sobre seu futuro. Tínhamos clareza de que sua sobrevivência dependeria do interesse e da dedicação de seus associados. Isto foi alcançado. Espero que ela continue a ser fundamental para a área de História da América como tem sido até o presente.